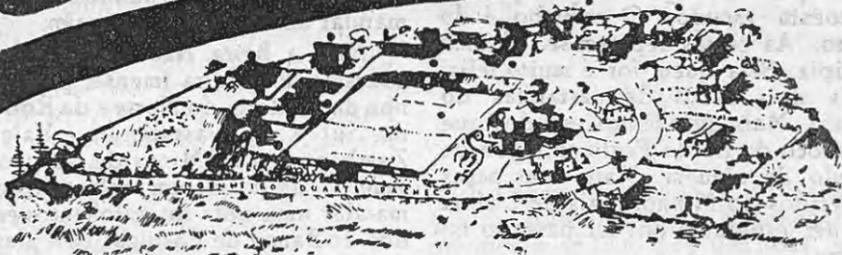




Gaiato



Vísado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VI—N.º 150
PREÇO 1\$00

... O mais
... rreu à la-
... rde mal-
... cha, é o
... ia a cha-
... tiro carta,

... lenha;
... cozinha,
... me. A
... A ter-
... quarta
... esta que

... portaria,
... Zé da
... em que
... vender
... obriu-se
... ca mais
... empre o
... outros
... voltar,
... ios; no-
... é dos

... Porto e
... iz ficar
... mbém;
... venham
... ão tem
... inheiro

... iro eles
... s fretes

... garmos
... infeli-
... ao fim.
... come-
... mal, se
... que já
... ais teve
... todos a
... ; o Sr.
... sabiam
... oi uma
... manhã
... raças a
... á esta-
... m, que

... mãos —
... u-nos o
... ia. Foi
... uma se-
... omento
... a sóro,
... ios, que
... não lhe
... e ainda
... conso-
... Miguel
... anjos.
... Lisboa
... sempre
... al, que
... azemos

... minhas
... os dos
... o pri-
... pre.

... O JOÃO



Os três grandes!

São da Casa do Gaiato de
Miranda.

É o tacho,—fundamento de
todos os ralhos, de todos os
discursos, de todas as petições
e até das grandes guerras.

CARTA DO BRASIL

Em vez de Petrópolis, aonde os olhos me haviam ficado, de uma vez que ali estive, e desejaria passar alguns dias; em vez de Petrópolis, digo, não tive outro remédio senão aceitar a gentil oferta ao pé de Campinas, na propriedade de um senhor natural de Mogadouro e residente em S. Paulo. Zé Eduardo e eu madrugamos naquele dia e às tantas seguimos cada um em sua carruagem, por não termos encontrado dois lugares juntos. O material rolante é Pulman e está tudo dito. Empregados vêm pelas carruagens distribuir coisas de ler; assim é nos aviões. São revistas, são novelas são jornais. Eu tremia pelo Zé Eduardo e estava sempre reparando no que ele ia lendo. O estudioso rapaz gosta muito de ler e muita leitura que por lá se distribuía, era imprópria; daí o meu reparar.

Entre S. Paulo e Campinas, a meio caminho, existe uma cidade muito laboriosa, cujo nome não fixei. Tem muitas chaminés e ao que me parece são fábricas de cerâmica. Todo o terreno é barrento e a todo o correr da linha, aqui e ali, encontram-se pequenas indústrias desta natureza.

Também se vêem campos, hortas e pomares. Vi homens de charrua a lavar a terra. Vi extensos milheirais. E' o amor à cultura rendosa e saudável e necessária, como estamos ajeitos a vê-la, próximo das grandes cidades. Por isso mesmo estranhei a ausencia nos subúrbios do Rio de Janeiro. Não há uma couve. Não há uma alface. Não há um canteiro. Não vi giras. Aqui e além, um pomar doente. Dá pena!

Esta pobresa de coisas necessárias à vida, não se ajusta com a opulência duma cidade de milhões de habitantes. Chegamos a Campinas à tardinha. São tudo campinas. O nome da cidade é adequado à configuração dos terrenos. Lá esta a Beneficência Portuguesa,

grandes colégios de rapazes e raparigas, algumas fábricas, um pequenino Jardim Zoológico e muito calor. Tomamos um cafexinho, ou ali não fosse a terra dele. Lá ao longe, campinas em fora, tudo deu, está dando ou pode dar café. Zé Eduardo ateimou e em vez de uma foram duas chicharas dele. Nisto aparecemos um senhor para irmos à redacção do jornal da terra, aonde estavam à nossa espera para ouvir coisas e tirar o retrato. Ora eu vinha tam fartinho, tam fartinho, tam fartinho, que pedi ao Zé para ir chamar um taxi e seguimos nele para Valinhos.

A dois quilómetros daquela povoação fica a Fonte Sónia, estância de repouso aonde nos destinávamos. O motorista do carro que o Zé Eduardo chamou, era um preto que pesava mais de cem quilos. A estrada é muito parecida com as nossas dos tempos que já lá vão. O motorista informa que aquela vai ser reparada e que outras vão ser abertas e que muitas se estão abrir. Fala também das imensidades por cultivar e diz que a culpa é dos homens que acodem todos às cidades e deixam as terras assim. E muito mais coisas disse o preto de cem quilos no fim das quais pediu setenta e cinco cruzeiros e regressou à cidade de Campinas, à espera de outros transeuntes, a quem possa relatar e receber.

Era meia tarde quando chegamos ao que nos ia servir por alguns dias de estância. O dono da propriedade telefonara de S. Paulo, a prevenir a nossa chegada. Nada nos faltou. Primitivamente a propriedade foi de um brasileiro de Campinas que a vendeu a este nosso conterrâneo. É impossível descrever a altura a que ele tem levado estes quilómetros de terreno e disseram-me que noutros pontos de S. Paulo, ele tem feito mais e melhor!

(Continua na 2.ª página)

O NOSSO JORNAL

Ainda há dias é que eu soube do chamado truque dos escritores de livros, que vem a ser, de uma tiragem de uns tantos milhares deles fazerem muitas edições. É um comérciozinho. Não me arrependo de não ter feito assim com o livro «O Pão dos Pobres». Chamei primeira edição aos primeiros dois mil e chamei segunda edição aos segundos tres mil, e como estes já há muito acabaram, hei-de usar o mesmo processo com a terceira edição. Gosto mais assim. E até fiquei muito triste quando tive conhecimento deste ardil dos escritores.

Ora com o nosso jornal usamos precisamente as mesmas armas. Vou dando aos leitores contas exactas das tiragens crescentes e do entusiasmo crescente e até mesmo, se algum leitor se enfada e devolve, não tenho por costume esconder estes reveses. Gosto mais assim.

A venda no Porto estacionou. Não tem ido muito acima dos três mil, o que eu acho uma coisa muito boa. Lisboa está mais animada. Padre Adriano pediu mais cem. Isto quer dizer que a venda está actualmente em mil e trezentos deles. Lisboa tem sido mais difícil de conquistar. Já era assim no tempo dos mouros. Daquela quantia, uma grande parte é vendida na linha de Cascais. De Coimbra temos a dar más notícias. Os rapazes vendem ali muito pouquinho; não chega a quinhentos. Disse-me o Ernesto, quando há dias por ali passei, que só vendem bem quando ganha a Académica. De maneira que não é

o gosto pela leitura, mas sim o entusiasmo pelo jogo.

O Abel continua de camisola amarela. O Barros desistiu depois de lutar muito por ela. Os outros vendedores têm-se conservado na marca. O que eles trazem são muitas encomendas de cartões. Eu aho que é mais por alegria do que por necessidade, que os senhores lhes confiam as encomendas. Uma coisa de que também muito se gosta, é ver o grande número de assinantes que lhes dão o nome, escritos de qualquer maneira, sobre qualquer papel, para as mais longínquas terras: América do Sul, América do Norte, Africa, India! Quanto à lua, andanão está verdadeiramente assente sobre se sim ou não ali há habitantes. Porque quando isso for descoberto lá ira ter «O Gaiato».

A ideia do postalzinho continua suprema. A percentagem dos que devolvem é tam deminuta que nem vale a pena falar disso. Os que se desculparam e a maneira como o fazem e as quantias generosas que mandam, em penitência, e o chiste que muitos usam nas cartas; tudo isto é coragem para levarmos mais longe e mais alto esta empresa nascida em tam boa hora. Eu raras vezes o faço, mas às vezes vou pela redacção e dedilho. Tenho observado nomes eminentes que estavam no rol, e à vista do postal, saíram dele com todas as honras. Até os grandes contemporâneos! Também eles encontram tempo para ler o jornal e mostram desejos de o pagar, como se fossem simples mortais. Está o Gaiato canonizado!

Duas plantas mimosas!

Outra vez a Casa do
Gaiato de Miranda.

É o P.º Manuel mai-lo seu
kodak.



Do que nós necessitamos

Os envelopes não são sempre do mesmo tamanho, mas a letra e a nota que vem dentro é sempre de cinquenta escudos. O carimbo é do Porto. As cartas repetem-se. É uma volúpia. Seja quem for é muito feliz. Mais dois sacos de castanhas do Douro. Mais quinhentos escudos que o Pároco da Sé do Porto entregou de mando de alguém. Mais duas peças de tecidos do Minho. Mais de Lisboa de um estudante por ter passado no exame.

Outro tanto do mesmo sítio. Para ajuda do conduto da ceia dos rapazes, um saco de massa.

Outra vez Lisboa, uma estudante. Grande devoção parecem ter os estudantes de Lisboa com a Casa do Gaiato! Mas que estudem; que vão estudando o melhor que puderem.

Nem os nossos rapazes passam no fim do ano, se levarem o tempo fiados que são da Casa do Gaiato... Mais do Porto um fato. O' delícia! Mais do Congo-Belga um grande pacote de roupas em muito bom estado. Regalei-me de passar todas as peças pela mão.

Não lhes faltava nada daquilo que costumam trazer os pacotes que nos mandam das províncias do Continente.

O desalinho, não era culpa de quem mandou. Foi a alfândega. A alfândega dos correios como lhe chama o Abel. Não foi sem grandes cerimónias que o dito pacote cá veio ter. Primeiramente houve de ser assinado um documento do Conselho Técnico Corporativo, aonde dizia que a encomenda não tinha valor comercial. Mandado que foi este documento ao seu destino, veio a alfândega a dizer que tinha sim senhor, de onde resultou ter cobrado direi-

tos e ter a gente ficado sem setenta e tres mil reisinhos.

Ora aqui está. Quando são dois a mandar acontece sempre assim.

Mais a Beira. Não é a Beira das courélas; é a Beira imensa, porta fronta da Rodésia do Norte e da Rodésia do Sul e da Niassalândia e Vale do Zambeze e das Minas de Carvão de Tete. É de lá que um senhor nos quis mandar uma nota de quinhentos escudos do Banco de Portugal, com grande desgosto dos cambistas, que desta feita não comeram nada. Também um cheque de 13.000\$00 escudos da mesma procedência. Assim como em Lourenço Marques, também os moços e moças da Acção Católica acaçaram dinheiro às pessoas que foram ver a fita. Não há rapazes maus. Tem por lá dado muito que falar e oiço dizer que andam subscrições para a nossa obra.

Não admira. Quanto mais longe da Pátria mais amamos a Pátria e a Província de Moçambique por óra é dos portugueses. Vamos a ver o que dizem os habitantes do Chinde e do Luabo e de Tete e de Quelimane e da Ilha de Moçambique e de Nampula, se por ventura a fita all passar. Mais mil escudos de algures. Pelo que se vê da carta, trata-se de alguém que esteve muito tempo à espera de um emprego e como esse dia supremo acaba de chegar, que fez esse Alguém? Que havia de fazer esse Alguém? Ficou sem ele inteirinho como diz na carta! Eu chamo à escrita a maravilhosa descoberta do homem por quanto, sem ela, as coisas do espírito não morriam, sim, mas ficavam por dizer. É preciso que elas se saibam. É preciso que elas se digam para que o mundo não se afogue totalmente na matéria.

Uma coisa de que eu muito preciso é que os senhores de Lisboa olhem para a Casa do Gaiato de Lisboa. Esteve hoje aqui o Pedro cronista, de mando do Padre Adriano, a dizer por palavras suas, das necessidades da Casa. Trazia contas prementes.

Expôs sem lamúrias e com verdade. Pediu-me que ajudasse eu o Padre Adriano. E eu só lhe dei dez contos de reis que era o dinheiro que tinha! Quisera dizer a todos a mágua com que o vi regressar á obra que ele tanto zela; a Casa do Gaiato de Lisboa.

Lisboa assina o Gaiato. Lisboa compra nas ruas o Gaiato. Lisboa conhece-nos das telas e dos jornais e dos cafés; aonde quer que haja alguém a falar, fala-se da Obra da Rua. Que Lisboa, a de Mármore, saiba respeitar o grande nome que tem...



... e enxugue as lágrimas da Creança.

Três amores da Casa de Miranda

Antes, nas ruas, também eram amores; mas quem é que os amava?!



OUTRA VEZ Notícias de Coimbra

O tórno. Um tórno mecânico. Peço desculpa da minha impertinência, mas eu aprendi com os meus rapazes que vendem o jornal nas ruas e nas praias; eu também tenho de chatiar os senhores mai-las senhoras. Se a obra não desmerece, tampouco eu posso desmerecer. Nós estamos afeitos a ser atendidos em tudo quanto racionalmente temos vindo aqui pedir. Tem sido assim de há desoito anos a esta data. Quem conhece o livro *Pão dos Pobres* e quem lê estas regras amorosas nas colunas do famoso, sabe que eu falo verdade. Nunca nos dizem que não. Será que o tórno mecânico seja a primeira recusa?

O rapaz que mo vem pedindo para trabalhar com ele, teve de ser castigado. Já tem desoito anos feitos, mas não impede que o seja.

Era para ser rapado, mas ele tem muito gosto na cabeleira e eu quero respeitar os seus enfeites naturais, pelo que foi convidado a ausentar-se por trinta dias. Para onde? Não importa. Ele era da rua. O castigo consiste justamente em voltar para lá. Foi. Quinze dias depois apareceu-me e eu disse-lhe que não. Volta no fim dos trinta e eu disse-lhe que sim.

Apraz-me salientar este facto para chamar à meditação as almas que me têm. O rapaz merece um tórno mecânico. Isto de mandar pela porta fora, para a rua, um rapaz que não tem amparo nem possibilidades de se governar, põe-se aqui no papel sem custo, mas não se faz sem dor. Dor minha. Quanto me não custa dar este passo e com que olhos não espero eu o dia do seu regresso! Este chegou no primeiro comboio do dia marcado e eu estava a espera dele pelo primeiro comboio do dia marcado. Graças a Deus.

Não sei que força ou simpatia seguraram o transviado por trinta dias, no fim dos quais se vem deliberadamente apresentar. Vem de cumprir um castigo. Não é a primeira vez que isto lhe acontece. Pode ser que outros castigos venha a sofrer. E ele apresenta-se! Bem merece um tórno mecânico. O mundo deve-lho. Os homens de bem devem-lho. Dá-se um brinquedo à criança por ser criança. Dá-se um presente a um estudioso por ser estudioso.

A um rapaz que procura a vida dê-se-lhe os meios de vida. Ele podia ter entrado na grossa e extensa fileira

1 *Aqui vai um pedidosinho, não se assustem. É a ginástica, agora todos os domingos vem aqui ao nosso Lar o Snr. Herlander que é «aspirante» do Exército. Como temos exercícios forçados no chão, são precisos calções, por causa da roupa, sujamos a roupa e assim há todos os dias barulho com as costureiras por causa das roupas. Vamos a ver se nos atendem.*

2 *A venda do Jornal tem dado que fazer, porque os nossos vendedores quando há desafios cá em Coimbra vão todos para o futebol e aí é que eles vendem. A última venda do «famoso» foi a seguinte: 287 jornais e á volta de 120\$00 de acréscimos. Os vendedores foram: Bucha, Figueiredo Nelas, Carequita e Victor.*

3 *Temos ido ao futebol muitas vezes, nós dirigimo-nos ao Estádio Municipal desta cidade e pedimos para entrar e eles ainda não reuçaram. Entramos. Assim continuaremos a ser agradecidos aos Senhores Directores da «A. Académica» e continuaremos a ir pedir para entrarmos. Há cá rapazes de muitos Clubes, cada um, espera pelo seu. Aos Senhores da Direcção da A. Académica mais uma vez muito agradecido.*

4 *Aos estimados leitores dos arre-dores de Coimbra, e outros que passem por Coimbra, digo que o meu emprego ainda não fechoi, e eu continuo a receber todos os senhores ou senhoras.*

As assinaturas que foram pagas no meu emprego são: Manuel Girão Lameiro—Pereira do Campo, veio pôr a sua em dia.

José da Cruz Santos Viegas—Coimbra, também veio pôr a sua em dia com 100\$. Mais uma vez lembro que o meu emprego é: Porfirio Delgado—L.da, R. Ferreira Borges, 123.

5 *O Inácio é do Boavista como já sabem, e quando o Boavista ganha, ele dá cada cabeçada nas portas, vai para o colégio, os professores e o Inácio não falam noutra coisa; quando o Boavista perde o Inácio anda triste e os professores fazem com que o Inácio fique mais. Isto é: aferroam-no. Nós queremos que o Boavista ganhe sempre para vermos o Inácio contente.*

ERNESTO PINTO

dos chamados indesejáveis; andou por lá trinta dias...!

Mas não. Ele quer bem aos homens. Ele quer amar.

Espero na volta um tórno mecânico.

CARTA DO BRASIL

(Continuação da 1.ª Página)

Um português! Um transmuntano! O que não poderia ter feito este homem em os nossos estados ultramarinos, se para ali tivesse sido encaminhado e tivesse as mesmas possibilidades; o que não teria ele feito! Como este, outros e outros e outros. O Brasil é regado com o suor de portugueses.

Eu vi rebanhos de gado. Vi pocilgas com centenas de suínos. Vi capoeiras com milhares de galinhas. Hortas pomares e jardins, não se fala. Uma fábrica de compotas, escrupulosa, consume os melhores frutos da quinta. Duas mercearias de categoria que este senhor tem em S. Paulo, fornecem à população os mais deliciosos productos frescos e bem apresentados. Sendo ele transmuntano, não faltam as alheiras e mais especialidades, como é uso daquela terra. Mas o paraíso não é bem isto que eu digo; o que este homem lêx do hotel primitivo e terras adjacentes é que é a maravilha. De um rio público e caudaloso, fez ele lagos e fontes e cachoeiras e repuchos e piscinas.

Há sombra nos jardins. Há silêncio. Há frescura. Ouvem-se passarinhos. Eu vivi mais de um ano nas horas que ali passei.

Eu andava cheiinho! Na próxima carta se dirá mais.

TRABALHO A nossa Tipografia

Em virtude da própria natureza da nossa obra, pela verdade de que ela é feita, pelo bem que ela acarreta a todo o mundo, nós temos necessariamente de receber encomendas de trabalho, como estamos recebendo e executando na tipografia. Eu até lhe poderia chamar a imprensa nacional, se não fôra o receio que tenho de ser chamado a contas. Poderia, sim, porquanto de todas as comarcas estamos a receber trabalho. Desta maneira humilde e pacífica, deixamos ficar trabalho para os outros, daquelas mesmas comarcas, podendo ser tidos como colegas amigos e não concorrentes indesejáveis. Não desbancamos ninguém. Não pedimos nem esperamos nem seria possível açambarcar tudo.

As cartas que recebemos com a relação dos trabalhos, também não trazem nada do estilo comercial. São de género familiar, amigo para amigo, desejando sinceramente os progressos da obra a que chamam sua, pois que à tipografia também chamam nossa. Contra esta força das coisas não pode haver resistência.

Não há injúria. Não há lesão. Não há prejuizo causado a terceiros. Há o direito. O direito que tem todo o homem de ganhar o pão honestamente. E também há olhares turvos! Poderá a nossa obra ser má por causa deles? Que os homens bons nos julguem.

Nos tempos do antigo corporativismo cristão, as artes e ofícios andavam tão juntinhos, que até havia ruas inteiras de cada especialidade. Muitos nomes dessas ruas ficaram até hoje, como documento de boa vizinhança e boa camaradagem. Quisera eu ver o mundo regressar aqueles tempos felizes.

O meu desejo de formar homens de trabalho dos rapazes que hoje temos, aumentou depois que tive ocasião de tratar com alguns operários que trabalharam na tipografia. Tenho prégado as acções de alguns deles; e tenho recomendado que tomem muito e muito sentido, por quanto todos são capazes de cair nas mesmas faltas.

Não é para dizer a ninguém os dias amargos que aqui experimentei; nem os espinhos que a gente tem são para desbaratar. Estes são necessários e só se dão a Cristo Jesus. Para algo serve a nossa formosa capela; para algo a pedra nua e crua do seu altar. Hoje estamos bem servidos, mas não foi assim no tempo em que a tipografia nasceu...

Não é geral, felizmente. Ele há muitos e muitos operários que entraram em pequeninos para as oficinas e fábricas aonde são a glória dos seus amos pela vida fora. Há sim senhor. Ainda hoje aqui esteve uma camionete com uma excursão deles, tendo eu ouvido de muitos o número de anos que estão ao serviço dos seus patrões. Isto é uma verdade consoladora. Porém a maioria não se encontra aqui. Não sei de quem é a culpa, mas a verdade é que as grandes massas de trabalhadores, que são tão zelosos em fazer valer os seus direitos, muito haviam de estranhar se alguém lhes prégasse os seus deveres. O nosso medo parece dar-lhes um domínio que eles não podem naturalmente segurar, por falta absoluta de formação moral. Eles não conhecem nem sentem a consciência. O que eu aqui observei!

Sim o meu desejo aumentou, e desde aquela hora, sempre que passo pelo meio dos pequeninos que

E uma prestação de algures. Desejava ir na procissão com um círio, mas Deus sabe porque fico à beira da estrada com uma candeia pequenina. Que riqueza imensa não vai nesta candeia pequenina! E uma Noelista. E Par-dilhó com uma prestação. E o Porto com cem. E meia ração de Lousada. E A'gueda; Há muito já que minha mulher e eu ansiávamos por ter esta quantia disponível. Mais sacrificados na procissão. E um dos Açores a valer por três — a ver se a procissão continua a andar. Continua sim senhor. E da Régua vinte escudos. E meia dose de Unhais da Serra. E um visitante. E meia dose de Plhavo. E uma do Porto. E a segunda prestação da Granja. E meia dose do Porto. E da mesma a dose inteira. E setenta escudos de Lisboa. E Malpica. E Penela. E a última prestação de Aveiro. E Braga. E Castelo de Paiva. E o Porto. E um de Viseu a valer por dez; é um médico. E o Porto. E Lisboa. E Carrezêda. E da Palhaça secenta escudos; é o último abono de família recebido para o meu filho Adelino Manuel com oito meses de idade. Que ele desde o berço se habitue a dar aos que nada têm, do pouco que possui, ou do muito que algum dia venha a possuir. Eis aqui a voz de uma Mãe; Mãe cristã. E um visitante; é um sacerdote. E esta cartinha de um grupo de empregados da companhia Anglo Portuguesa de Caolinos:

Ao mesmo tempo que enviamos para a Tipografia, 220\$00, produto duma subscrição, queremos afirmar o nosso grande apreço por essa tão grandiosa obra, Mestra na maneira de praticar um Bem que é edificante, integral. Edificante não só para os seus pupilos. Ele transborda e abana mesmo as almas daqueles que estão ao longe. A Obra da Rua é honra da Igreja e da Nação. Merece o carinho de todos os portugueses.

E um visitante. E de um grupo de rapazes do Liceu Alexandre Herculano. E esta carta:

Se não estou em erro, as contas da tipografia, andam erradas.

Pois o n.º 145 diz haver a quantia de	229.000\$00
o n.º 146 mais	5.600\$00
o n.º 147	7.100\$00
o n.º 148	5.000\$00
Total em Esc.	246.700\$00
O número 148 diz haver	239.600\$00

Sendo assim há uma diferença de 7.100\$00.

Peço desculpa do meu atrevimento, mas como é lido, o Gaiato, por muita gente podem ter como má fé, se de facto as contas são como expõho.

Um assinante muito atencioso.

Gosto muito desta carta. Embora não assinie, vê-se que,

hoje ali trabalham, eu encho-me do valor que cada um pode amanhã vir a ser, não só pela perfeição do seu trabalho, mas muito mais pela formação do seu carácter.

Ora é só por isto meus senhores e minhas senhoras, que eu aqui estou a pedir trabalho para a nossa tipografia.

Medo! Tem-se medo das avalanches proletárias! Eu cá não. Eu tenho medo mas é dos homens de bem. Dos homens de consciência. Dos cristãos de sólida formação. Desses sim. Esses são juizes. Dão fé.

Se amanhã nas nossas oficinas, tivermos operários assim, cautela. Eu, ou quem estiver nas minhas vezes, tenha medo deles. Dos outros não. Dos malcreados não.

mais do que atencioso, trata-se de um grande devoto da Obra da Rua. Ele não a quer ver maculada. Eis o interesse. Este senhor chama comum ao que ordinariamente se costuma chamar obra de um. Ora o seu valor real está justamente no ser obra de todos. E dez desportistas que apostam sobre os resultados dos jogos em que participa o F. C. do Porto. Assim reza a carta que trás 60\$00, entregue ao Faísca. Mais esta carta:

Já mandei 20\$00 há muito tempo para a tipografia, com a promessa de completar, aos poucos, a minha cota, sem o que não me sinto com o direito de lhe chamar nossa.

A vida não me tem permitido cumprir a promessa feita, mas confesso, que quando leio o Gaiato sinto remorsos por esta falta...

Se os descontos que o Estado me faz todos os meses no meu vencimento fossem menores, eu já teria açambarcado 2 ou 3 cotas, assim... ai vai a segunda prestação e Deus permita que, ao menos, eu possa liquidar esta dívida e que os descontos para o Estado sejam em desconto dos meus pecados, já que os não posso empregar em obras sãs.

Por virtude do officio, tive que parar por algumas horas, esta carta, no ponto em que está, e agora, ao prelender terminá-la, acudiu-me uma ideia... Apesar de ter pouca saúde, o mesmo sucedendo a meu marido, e de o dinheiro não ser de mais (somos dois funcionários... e está tudo dito), tenho tido até hoje, e desde que casei, uma vida feliz. Ora isto tem de ser agradecido a Deus, de qualquer forma sublime. Pronto. At vão 80\$00, em lugar dos 20 que tencionava mandar. Se Deus mos aceitar coma agradecimento e reconhecimento pelo muito que lhe devo, estou certa de que não lhes hei-de sentir a falta e que muito mais Lhe hei-de dever. Se assim não fôr, se Ele não mos aceitar por essa intenção... que sejam A Bem da Nação, já que tanta coisa de mais valor e menos proveito Lhe é endereçada.

Que Deus dê ao Padre Américo uma vida longa, A Bem da Nação e dos nossos rapazes—

Mais uma

O nosso cortejo, o cortejo da tipografia, é uma fonte de revelações.

Torna-se necessário que ele leve muito tempo a passar, para que os homens de boa vontade o vejam, sintam e acreditem em Deus. Continhas:

Atrazado	251.000\$00
Hoje	3.100\$00
	<u>254.100\$00</u>

Já falta menos de metade.

Notícias do Lar do Porto

1 O simpático grupo de «Os Carlos» comemorou no dia 4 de Novembro o seu 19 aniversário tendo como programa; missa às dez horas pelos Carlos falecidos, de tarde distribuição de donativos aos pobres e por fim no Clube dos Fenianos um jantar de confraternização onde se reuniram perto de duzentos Carlos.

A Dig.^{ma} Direcção não esqueceu a Casa do Gaiato mandando assim um convite para um dos nossos Carlos, indo eu como representante.

2 Todos os domingos vão daqui rapazes a Paço de Sousa passar o fim da semana. No último domingo foi a vez do Mondim que é o chefe do Lar do Porto, o Cete e o Preta, este último é um novo inquilino que veio para a cozinha substituir o Botas...

Não é de admirar que todos queiram ir a Paço de Sousa, pois lá é a

Crónica da Nossa Aldeia

Já se deu início às obras para a casa de lavoura. Antigos barracões foram deitados abaixo e até mesmo os próprios currais. Aquilo vai andando. A frente vai ficar virada para a nossa avenida. Por enquanto os nossos bois e vacas estão na antiga despença.



Recebemos remetidas do Pinhão quatro casais de pombas. Mal chegaram prenderam-se logo por uns dias, mas agora já estão cá fora juntas com as outras.

Anda doença nos nossos porcos. Já nos morreram dois deles. Já se chamou o veterinário para os outros não irem pelo mesmo caminho. A doença só se manifestou na classe dos mais pequenos, porquanto os grandes nada sofreram.



Compraram-se uns bois. A malta do campo precisava deles, para fazer a lavra das terras e para outros serviços. São amarelos.

Andaram à roda de dez contos de reis.



Matamos um porco. O tempo não era mais propício. Bra muito gordo, e o pior de tudo foi, que a carne estragou-se quase toda. Como a nossa despença fica mesmo por baixo do fogão foi devido ao calor que a carne ficou estragada.

No sábado vieram cá uns senhores fazerem uma demonstração com um trator para trabalhos agrícolas. O trator fazia todos os trabalhos. Ele lavrava, ele abria regos para batatas, enfim tudo.

Eles vieram fazer réclame do que podia fazer aquela máquina. Assistiram aos trabalhos do trator muitos senhores dos Grémios próximos, e muita gente da freguesia.



Nasceu por estes dias. É um vitellino. Mais um para a colecção. Como actualmente os nossos currais andam em obras, a vaca teve-o na antiga garagem do Peygeot.

Casa Mãe e especialmente a casa das consoladelas onde não falam as árvores de fruto, o campo de futebol e o ar puro.

3 Da Padaria Ceres recebemos duas caixas de pasteis finos. Um anónimo deixou mil escudos e um assinante ao pagar a assinatura por três anos de atrazo deixou vinte e cinco escudos de juros.

Mais vinte escudos que o Pirulas recebeu na porta dizendo que foi o senhor da luz que lhe entregou.

Por hoje mais nada.

AVENDA DO JORNAL Crónica Desportiva

Como se disse em o número derradeiro, Lisboa espevitou um tudo nada; vendem-se ali cem a mais do que até agora se vendia. Coimbra decresceu Lousã e Miranda, estacionaram. O Porto leva a dianteira. *Até os engraiçadores nos compram*; isto me disse o Presidente, no regresso da venda. Uma coisa de que não gosto nada, mesmo nada, é de um grande sarilho que se armou entre os vendedores, por via do *Fominhas* ter largado o seu cargo. Tive de botar água na fervura; eles estavam assanhadíssimos. Não me foi nada fácil apurar as contas em tribunal, porque todos queriam falar ao mesmo tempo. O *Figados*, esse espumava de bravo. *Fominhas*, ao tomar o emprego que óra tem, entregou aos seus mais íntimos os melhores fregueses que tinha. Eu até digo como ele me disse: *eu dei ó Manuel Risonho a Câmara e a Alfândega e o Banco Sotto Mayor e vai o Faisca e rouba tudo ó Risonho*. Ora aqui está a matéria da grande discussão em que todos ferviam, quando ontem cheguei ao Lar do Porto. O Barros também me fez queixa do Zé da Arouca lhe ter roubado o Espelho da Móda, e outros mais se queixaram de outros roubos semelhantes. É a luta pela vida como o mundo a entende e pratica.

Também não acho nada bem e tomo por muito perigoso isto de o *Fominhas* dar Alfândegas e Bancos e Câmaras e vir o *Faisca* e roubar. São expressões atrevidas...

Mais. Mais audácia; o Presidente conta-me de um grande palácio que se tem andado a fazer no Porto e que já está quase feito. É o Atlântico. Diz o rapaz que é ao pé de um arranha-céus. Ele já andou lá por dentro a medir e

informa, todo contente, que ali é que há-de ser. O assalto ós palácios!!

Presidente também me disse que teve de correr o Zé d' Arouca, quando este se propunha entrar em uma Frutaria dos Clérigos, que são fregueses certos e antigos: *ali vendo eu sete*.

Faisca trouxe uma bola para o Alemao, outra para o Vieira, outra para o Daniel e ainda uma outra para o Melgaço. Mais caneladas. Mais vidraças. Mais narizes em sangue. Tanto tenho pedido que não ofereçam bolas e os senhores não me escutam!

Abel continua na casa dos quinhentos, sem ser ultrapassado, não obstante as ameaças do Barros. Este é o número dois Perguntado o Abel de como vende tanto, disse que chateia; que chateia os senhores e que alguns, até dão mais do que o preço. Nem admira.

O que ele tem trazido, são encomendas de cartões. Trás sempre. Desta vez são nada menos que dez fregueses. Informa o Abel que são os senhores da alfândega dos correios. Só agora é que eu sei de duas alfândegas como se uma não chegasse para deprender a gente!

Mais audácias. Ontem foi domingo e houve um desafio de bola em Cete. Que é que aconteceu? O Bernardino, o Manel e o Sebastião, sem dizer nada a ninguém, resolveram ir vender e foram!

Venderam mais de cem deles. Pelo caminho, se passava um automóvel, plantavam-se á frente — *para acaçar os senhores*. E acaçavam!

Sebastião é o Fernando de Matosinhos. Quando cá chegou, comia tanto de tudo, que ficou a ser e ainda hoje é o Sebastião!

G. D. da Casa do Gaiato, 3

Unidos de Sobrado-Valongo, 2

E desta vez foi o nosso grupo fora de casa.

Perante numerosa assistência para jogos desta natureza o jogo começou, alinhando assim o nosso Grupo:

Alfredo, Constantino, Luiz e Maximiano; Amadeu e Zé Sá; Jacinto, Gari, Carlos, Cete e Moreira.

O jogo começou em grande velocidade o que depressa afrouxou pela maneira de como entrou a jogar o nosso team. As jogadas sucedem-se ora num campo ora noutro pertencendo as jogadas mais vistosas ao nosso grupo. A defesa contrária entra em falta mais que uma vez, mas o sr. árbitro não quer ver a verdade e o jogo continua perante os protestos do público que sabe compreender.

E assim aos 32 minutos regista-se o 1.º golo marcado pelos Gaiatos por intermédio do seu avançado-centro, passando assim o nosso grupo a vencedor por 1-0.

O jogo desenvolve-se na grande área dos visitados e é marcado livre de canto que nada resulta. Numa fugida do ponta-esquerda é marcado o golo do empate ficando a nossa defesa presa ao terreno. E assim se aproxima o primeiro tempo com os grupos empatados em 1-1.

2.ª parte — Os jogadores voltam ao rectângulo para continuarem a partida. Já estão jogando e a arbitragem continua numa lástima deixando assim os jogadores adversários

jogarem rijo e fazendo cargas que não são permitidas. O jogo desenvolve-se na grande área do grupo visitado e assim passados alguns momentos surge o 2.º golo dos Gaiatos marcado pelo nosso ponta-esquerda (Moreira) num pontapé espectacular que a assistência não deixou de aplaudir e assim o jogo continua. O nosso grupo tem correspondido ao jogo tanto na defesa como no ataque.

Sucedem-se jogadas e mais jogadas pertencendo quase todas ao grupo dos Gaiatos que está actuando correctamente. E são de novo os Gaiatos a marcar por intermédio do nosso avançado-centro, passando o resultado para 3-1 a nosso favor.

Estamos lutando, contra os jogadores que jogam forte e rude e contra o árbitro, como me refiro atrás.

É marcado livre de canto contra os Gaiatos, que vai para fora. E continuamos vencendo por 3-1. O onze adversário tem sido fácil de manobrar. Neste momento é marcado o 2.º golo dos visitados a soco e que o árbitro ordena bola ao centro e assim fica o resultado em 3-2 favorável ao nosso grupo.

Faltam 5 minutos para terminar o encontro. Dá-se um violento choque entre um avançado visitado e o nosso defesa Constantino que fica bastante magoado cabendo as culpas ao adversário e assim terminou o desafio em que vencemos merecidamente e contra a vontade do árbitro.

Ao nosso grupo não faço referências pois todos jogaram com fé e entusiasmo.

Ao grupo visitado merece especial referência o seu extremo-esquerdo.

M. P.

O Moléstia foi ontem ao Porto acompanhar quatro doentes; eram eles o Valeta do Porto, o Machado de Castro Daire e dois irmãozitos de Paços de Ferreira.

Estes já lá tinham ido e deram muito que falar por serem miúdos do corpo e mais ainda, quando o povo ouvia da boca do Moléstia, que um tinha treze e o outro catorze anos de idade. Regressaram á noite e vieram ter comigo como é costume. Enquanto são pequeninos e vão á cidade aos mandados, eu sei tudo da boca deles. Se grandes, não acontece o mesmo... A consciência não os deixa falar!

Pois Moléstia entrou com os seus quatro doentes, conta de como as coisas por lá se passaram, do que disseram e ouviam dizer. E rapa de um papel aonde trazia as contas. Neste capítulo, queixou-se de que gastou dinheiro a mais contra a sua vontade. Que por duas vezes teve de comprar quatro *trigos* para dar um a cada um, além de todos terem comido á farta no Lar do Porto. Eu ouvi a queixa mas não me queixo. Não achei mal a compra dos *trigos*. Se fosse comigo seria pior. Não me queixo e até fiquei muito contente por ter sabido do apetite dos doentes. Não era preciso que os médicos dissessem, como de facto disseram, que os quatro estavam melhorando. Não era preciso que o Moléstia dissesse tudo; *eles andavam-me sempre a chatiar por comer*.

AQUI é na mesma. Veio ter comigo um destes dias uma grande queixa dos doentes. Eram uns seis deles.

Mandaram recado por um visitante de que estavam cheios de fome; que o Moléstia não faz caso; que lhes dá pouco de comer e poucas vezes de comer. Eu cá fico todo contente com estas notícias. Antes lhes quero dar de comer do que remédios.

ERA a hora de merenda. Esta é distribuída á porta da cozinha. E não há nada que mais interesse a nossa população do que o toque que chama

Isto é a Casa do Gaiato

para ela. Nós damos do que temos e como a fruta acabou, é quase sempre borça extreme; cada um sua fatia.

Eu atravessava na maré da casa mãe para a capela. Era noite. Gosto de entrar ali áquela hora por causa do bruxulear da lucerna...

De um grupo de pequeninos que vinham da merenda, destaca-se um e oferece-me. Eu recusei. Ia para a capela e ali não é sitio de comer. Mas o pequenino insiste. Estende a mãozinha que segurava o seu quinhão, dizendo amorosamente: *tire uma codinha*. Não resisti. Tirei e comi ao pé dele. Assim comecei a minha oração, que continuou na capela ao bruxulear. Era noite...

Nesse mesmo dia, chega do Porto o Carlos Veloso que ali fora aviar um recado. Veio no último comboio; eram quase horas de ceia. Entregou-me uma regueifa de Valongo, muito bem cozida e muito apetitosa, que um amigo nosso lhe dera para me entregar. Calhou passar por ali na maré o mesmo pequenino que há pouco me tinha dado do seu pão. Era a hora de retribuir. Dei-lhe um bocado de regueifa, que ele aceita com simplicidade enquanto beija a minha mão.

É o pão. O pão é a base de toda a justiça e de todo o amor. O Mestre começou a sua vida de apostolado por dar pão e depois fez tais amigos, que deram naquele tempo e dão hoje a vida por Ele.

O Rato que já aqui tem sido falado pelo seu desalinho no vestir, terá de deixar o seu emprego no Porto e regressar a Paço de Sousa.

Ele trabalha na Alfaiataria Infantil e é ali muito querido; ainda há pouco lhe deram uma gabardine.

Porém, o rapaz é muito desageitado: são as calças e o casaco são os sapatos e o cabelo—ele mete medo. Hoje almocei no

Porto com todos e vi o Rato a jogar o pião, no recreio. E tudo como acima digo. E' tudo como se contém nas queixas que me fazem. E é mais alguma coisa. E' a fralda. A fralda da camisa. Lá estava ela! O Rato não tem emenda e os senhores aonde ele trabalha hão-de vir naturalmente a aborrecer-se.

Ricardo Cirino é o nome que ele tem. E' um filho das areias da Gafanha, passou muitos maus tratos até chegar ao que é hoje sua casa. Que o digam uns homens do Porto, testemunhas de vista dos sitios onde ele dormia enquanto por ali andou! Eu quero muito ao Ricardo e peço-lhe que lave os dentes e que lave muito bem o pescoço e as orelhas e que se penteie e que engraxe os sapatos e que amarre as calças com um cinto e que endireite o casaco e que meta a fralda pra dentro. Mas quando o vejo com ela de fora, como hoje vi á hora do recreio, não lhe digo nada. Gosto!

OS nossos dois sacristães têm cada um sua opa e servem com elas ao altar. Na sacristia existe um cabide para elas ao qual os rapazes não chegam. Mas eles sabem que o sitio das opas é ali, por isso não é raro vê-los lançar mãos dos seus meios para conseguirem aquele fim. E' a vassoira. O pau da vassoira. Eu vejo-os muitas vezes com a opa na ponta do pau!

Aqui em casa nem todos chegam ás suas obrigações pela altura de cada um, mas pela habilidade sim. A necessidade obriga-os a tirar grandes efeitos e eles chegam, de qualquer forma, aonde é preciso chegar.

EU estava hoje a tomar o meu café, a refeição que melhor me sabe. Pouco depois das oito costume entrar no refeitório. O cozinheiro de semana, ao ver-me entrar, berra logo pelo

*Favaio*s. O *Favaio*s é o actual refeiteiro dos senhores. Nem por isso estão os senhores bem servidos com o *Favaio*s; ele costuma pôr a nossa comida na mesa e a seguir vai comer a dele, numa outra ali ao pé! Eu acho confiança demais. Acho um abusuzinho, e espero que o *Favaio*s cumpra melhor o seu dever. Mas vamos ao meu caso. *Favaio*s aparece com uma púcara de café e outra púcara de leite e põe sobre a mesa. Nesta altura é costume apresentarem-se os meus dois secretários, que têm a rara habilidade de se furtarem á hora da comunidade e aparecem á minha. Não sou eu, já se sabe. Não é a minha companhia; é o leite. Eles gostam muito de leite.

Ora a certa altura do nosso pequeno almoço, eu oiço um grande barulho ao fundo do refeitório:

—Come.
—Não como.
—Mas isso é que comes.
—Mas não como. Não sou obrigado a come-las frias. Não tenho obrigação de as comer frias. Vai aquecer.

Era o *Figados* e era o *Faisca* e era um prato de pápas. *Figados* é um dos refeiteiros dos rapazes, *Faisca* entrou mais tarde no refeitório e o barulho andou todo á roda deste acontecimento. O *Figados* portou-se muito mal. Abusou do lugar que tem. Ele tem obrigação de servir a comida quente. Andando sempre a pedir um passeio no nosso «Móris» e eu tencionava fazer-lhe a vontade, porém agora, não sei quando e se tal acontecerá.

ONTEM foi domingo. Um domingo de sol glorioso, o qual trouxe á nossa aldeia um mar de visitantes. Povo. Da parte de manhã era tudo povo das fábricas das oficinas e do campo. Só camionetes contei eu de uma vez sete! Escusado será dizer que esta classe de

gente, sabe que nós precisamos e deixam ficar nas bandejas e nas *alminhas* e na capela e no hospital, a marca da sua generosidade. Eles dão mais em atenção á nossa necessidade do que verdadeiramente ás suas posses. E' o povo. O povo generoso, pacífico e pagante. O povo tem alma.

De tarde começam os automóveis. Os senhores de categoria. Estes, ordinariamente, pelas necessidades dos seus usos e costumes, têm mais dificuldades no dar. *O'lhe que fatura*. Ora o Manuel Risonho, com uma moeda de vinte e cinco tostões em prata, que acabara de receber de um *espada* brasileiro. E mais e mais e mais. O que nos vale, nestes casos e noutros semelhantes, é o *Presidente*. Ontem foi o dia em que ele mostrou mais uma vez a sua habilidade. Entrou no meu escritório, e começa a tirar dinheiro dos bolsos, por quantias, tal como as tinha recebido de cada grupo, ou família ou indivíduo. No final rapa de uma nota grande: *Isto foi um sermão. Um sermão que eu preguei da nossa obra a uns senhores de um espada*. Pelo que eu ouvi do pregador, senão fosse o sermão, a visita dos senhores teria ficado nos vinte e cinco tostões em prata. *Isto é um sermão*.

ONTEM houve um desafio de bola em Valongo, aonde foram os nossos onze. O Cete e o Carlos, são do Lar do Porto e tinham vindo fazer o seu fim de semana a Paço de Sousa. Eles pertencem ao grupo e o Cete, á partida, veio-se despedir de mim dizendo que de Valongo seguiria directamente para o Porto. Não era preciso dizer-mo. A boa lógica assim o pede. Não tinha nada que vir fazer a Paço de Sousa. Mas veio. Ele e Carlos vieram juntamente com os nove de cá. Era noite, Estava a malta no refeitório a comer o caldo. Cete foi o primeiro a entrar e berra com toda a gana: *A gente ganhamos*.

Não é a primeira vez que tal acontece. Mas também tem acontecido irem eles direitinhos do campo de Valongo para o Porto; é quando perdem...